

SOCIOINTERACIONISMO: DIALOGANDO COM BAKHTIN E VYGOTSKY SOBRE O SUJEITO FRUTO DAS INTERAÇÕES SOCIAIS

Sandra Cristina Rodrigues Lopes *
Débora Cristina Santos e Silva **

Resumo: O referencial teórico que embasa este trabalho integra e articula os conceitos de *social* em Vygotsky e Bakhtin, com o objetivo de explicitar de que maneira a articulação construída nessa interface pode contribuir para reflexões sobre a compreensão da influência que os fenômenos sociointeracionais têm na vida do sujeito. Dessa forma, apoiados em uma revisão bibliográfica, iniciamos o texto apresentando os conceitos de *reflexo* e *refração*, de Bakhtin, e de *ZPD* ou *Zona Proximal de Desenvolvimento*, de Vygotsky. Em seguida, o estudo articula o conceito de *social* e seus desdobramentos, presente nos pressupostos de Vygotsky e de Bakhtin, uma vez que as ideias destes autores se entrelaçam em muitos aspectos, dentre eles o de considerar as ações humanas em suas dimensões sociais. A compreensão do sujeito, fruto das relações sócio-interacionais será, então, o foco deste trabalho que visa construir um diálogo entre as ideias expostas nos conceitos de Bakhtin e de Vygotsky. Assim, buscamos elucidar a convergência de ideias do aspecto social de ambos e, para tanto, respaldar-nos-emos em alguns autores estudiosos destes teóricos, como Maria Teresa de Assunção Freitas, Carlos Alberto Faraco entre outros. Concluímos o estudo explicitando a natureza relacional demarcadora do processo de desenvolvimento humano, posto que o sujeito se constrói na relação com o outro e com o mundo; difere-se e marca a sua singularidade justamente no espaço relacional.

Palavras-chave: Social. Reflexo e refração. Zona Proximal de Desenvolvimento. Linguagem.

SOCIOINTERATIONISM: BAKHTIN AND VYGOTSKY DIALOGUE ABOUT THE SUBJECT OF SOCIAL INTERACTIONS

Abstract: The theoretical framework that supports this work integrates and articulates the concepts of social in Vygotsky and Bakhtin, with the objective of explaining how the articulation built on this interface can contribute to reflections on the understanding of the influence that socio-interactive phenomena have on the subject's life. Thus, supported by a bibliographic review, we begin the text by presenting the concepts of reflection and refraction, by Bakhtin, and by ZPD or Proximal Development Zone, by Vygotsky. Then, the study articulates the concept of social and its consequences, present in the assumptions of Vygotsky and Bakhtin, since the ideas of these authors are intertwined in many aspects, among them that of considering human actions in their social dimensions. The understanding of the subject, the result of socio-interactive relations, will then be the focus of this work, which aims to build a dialogue between the ideas exposed in the concepts of Bakhtin and Vygotsky. Thus, we seek to elucidate the convergence of ideas of the social aspect of both and, for this purpose, we will rely on some authors who study these theorists, such as Maria Teresa de Assunção Freitas, Carlos Alberto Faraco among others. We concluded the study by explaining the relational nature that demarcates the human development process, since the subject is built in the relationship with the other and with the world; it differs and marks its uniqueness precisely in the relational space.

Keywords: Social. Reflection and refraction. Zone of Proximal Development. Language.

Introdução

A consciência adquire forma e existência nos signos criados por um grupo organizado no curso de suas relações sociais. (BAKHTIN, 1981, p. 35).

O objetivo deste artigo é construir uma discussão articulando os conceitos de social, segundo os pressupostos de Lev Vygotsky e de Mikhail Bakhtin, a fim de elucidar a relação entre a rede de interações que o sujeito constrói socialmente e as influências dessas interações sobre o comportamento do indivíduo.

A compreensão do indivíduo como um ser social é de vital importância para os estudos relacionados aos fenômenos sociointeracionais, que o sujeito vai delineando ao longo de seu desenvolvimento humano, pois à medida que compreendemos o modo como esse desenvolvimento se dá podemos encontrar a origem dos desajustes e prováveis disfunções sociais e até comportamentais desse sujeito e, com isso, buscar solucioná-los.

Dessa forma, a partir do entendimento dos conceitos de *reflexo-refração*, presentes nos estudos realizados por Bakhtin e de *ZPD* ou *Zona Proximal de Desenvolvimento*, formulada por Vygotsky, o presente estudo busca aproximar esses dois teóricos, numa tentativa de fazê-los dialogar, a fim de propor uma melhor compreensão dos fenômenos sociointeracionais e, por meio dessa articulação dialógica, desvelar possíveis encontros conceituais destes dois estudiosos tão importantes para o campo do desenvolvimento humano.

A maneira como o sujeito se relaciona socialmente, bem como o modo pelo qual os eventos sociointeracionais circunscrevem-se no cotidiano desse sujeito, dependerão das variáveis comportamentais e também dos significados desses comportamentos, que emergem da e na relação com o outro, dentro de um contexto específico.

Retomando o pensamento de Bakhtin, presente na epígrafe deste trabalho, destacamos quão complexos são os processos de desenvolvimento humano, assim como sua dinâmica, flexibilidade, delimitações e transformações. Nesse sentido, um esforço em se buscar compreender a dinâmica relacional, como possível forma de rever o nosso lugar na trama social, enquanto seres humanos em construção, por si só já se mostra um grande desafio.

Para além disso, estudar o ser humano, fruto das relações, é empreender esforços no sentido de se desvendar os vínculos que permeiam tanto a sua existência quanto a essência, uma vez que há uma verdadeira gama de sentidos e uma trama infinita de significados e questões subjetivas intrínsecas ao processo de desenvolvimento do indivíduo, de modo que esses aspectos englobam vínculos materiais e imateriais, os quais podem apresentar conteúdos múltiplos e pensados como em constante transformação.

A ênfase de estudos centrados na compreensão das relações dialógicas perpassará, inegavelmente, pela apreensão de que o nosso objeto de estudo – os fenômenos sócio-interacionais – ocorrem numa estreita articulação entre pensamento, consciência, linguagem e as ações humanas e suas dimensões sociais.

No epicentro dos fenômenos sócio-interacionais emerge o outro social, alguém que não só dialoga conosco, mas também nos interroga e nos insere em contextos ou posições sociais, demarcando conosco um contínuo processo interacional, de construção de significados (FARACO, 2006).

Destarte, os campos interativos ocupam, dentro da perspectiva sociointeracionista, um lugar de destaque, sendo entendidos como elementos focais e ao mesmo tempo fundamentais do processo de desenvolvimento humano.

Portanto, a perspectiva teórico-metodológica do sociointeracionismo, defendida principalmente pelos teóricos Mikhail Bakhtin e Lev Vygotsky, ser-nos-á o escopo norteador desse trabalho, a fim de comprovarmos a estreita relação entre a presença do outro na manifestação dos comportamentos sociais dialógicos do sujeito. Para isso, este trabalho está dividido em três momentos. Iniciamos a escrita apresentando os conceitos de *reflexo-refração*, de Bakhtin. No segundo momento, apresentamos o conceito de *ZPD* ou *Zona Proximal de Desenvolvimento*, desenvolvido por Vygotsky. No terceiro e último momento, discutimos os conceitos de social e relação dialógica, expondo as visões desses dois autores sobre o tema, além de estabelecer uma análise dialógica sobre o sujeito fruto das relações sócio-interacionais, aproximando e comparando, ao mesmo tempo, os pressupostos teóricos de Bakhtin e Vygotsky no que tange às visões desses dois autores acerca do aspecto social, no qual o sujeito é constituído pelo outro e constitutivo deste, onde ambos atuam e se complementam por meio das relações intersubjetivas construídas no curso dessas relações.

1 ZPD – Zona Proximal de Desenvolvimento

Embora Vygotsky e Bakhtin não sejam considerados teóricos ou pensadores da cultura e da educação, podemos nos valer de seus pressupostos teóricos como meio de validar alguns importantes preceitos e aspectos relacionados à aprendizagem humana, bem como ao desenvolvimento e aquisição dos traços culturais, haja vista seus trabalhos apresentarem uma profunda reflexão filosófica e discursiva sobre a educação e também sobre a cultura. Para eles, a linguagem se define completamente como um agir discursivo por meio do qual o indivíduo apreende o mundo, o saber e a própria cultura.

O contexto cultural é, inegavelmente, o palco das principais transformações e evoluções do sujeito, desde a sua inscrição nesse mundo até o momento de sua morte. É pela interação social que nós aprendemos, desenvolvemos, evoluímos, criamos e recriamos formas de agir, atuar e nos portar nesse contexto cultural complexo, durante todo o processo vital.

Há, para a Psicologia do Desenvolvimento, diversas perspectivas explicitando o tema ora apresentado. Entretanto, vamos aqui nos ater à abordagem Sociointeracionista, defendida sobretudo, pelo Psicólogo e Filósofo russo Lev Vygotsky. De acordo com sua abordagem, “[...] o desenvolvimento humano se dá na relação entre parceiros sociais, através de processos de interação e mediação [...]” (FREITAS, 1994, p. 61).

Vygotsky foi o primeiro psicólogo moderno a trabalhar com o pressuposto de que as funções psicológicas são um produto da atividade cerebral, sugerindo que a cultura se torna parte da natureza de cada indivíduo por meio desses mecanismos cerebrais. Além disso, Vygotsky (1978) destacou a importância do processo histórico-social e o papel da linguagem no desenvolvimento do indivíduo. Ele preconizou a questão da interação no processo de aquisição de conhecimento afirmando que o sujeito é interativo e se desenvolve a partir das trocas relacionais intra e interpessoais, por meio do evento o qual ele denominou de mediação (VYGOTSKY, 1996).

Segundo Vygotsky (1978), o desenvolvimento humano consiste no aprendizado interacional, que ocorre por meio de ferramentas intelectuais, sendo a linguagem uma das ferramentas mais importantes. No livro *A formação social da mente*, Vygotsky (1984) assevera que o processo de desenvolvimento se dá em

assintonia com o processo de aprendizagem, de modo que dessa assintonia emerge o que ele definiu como Zona Proximal de Desenvolvimento (ZPD).

Vygotsky engendrou uma teoria que contemplasse uma síntese do homem como ser biológico, social e também histórico. Com efeito, Vygotsky notadamente elaborou sua abordagem sempre voltada para os processos de desenvolvimento humano com ênfase na dimensão sócio-histórica, enfatizando a relevância da interação do sujeito com os demais sujeitos constitutivos do espaço social (VYGOTSKY, 1978).

Para Morrison (1993), Vygotsky buscava caracterizar, através da sua abordagem, “[...] os aspectos tipicamente humanos do comportamento e elaborar hipóteses de como as características humanas se formam ao longo da história do indivíduo [...]” (MORRISON, 1993, p. 62).

As maiores contribuições de Vygotsky estão relacionadas às reflexões sobre o desenvolvimento humano e sua relação com a aprendizagem em meio ao social. Vygotsky afirmou que “[...] as características individuais e até mesmo as atitudes pessoais estão impregnadas de trocas com o coletivo [...]” (VYGOTSKY, 1996, p. 102), isto é, o que entendemos ser o mais individual em um ser humano é fruto da relação do homem com o seu próximo.

A partir dessa perspectiva, Vygotsky formulou seu pressuposto sobre a Zona Proximal de Desenvolvimento (ZPD). De acordo com Wertsch (1985), Vygotsky postulou os pressupostos de ZPD “[...] numa clara intenção de propor novas formas de se lidar com dois importantes aspectos ligados à Psicologia Educacional: a avaliação das práticas de instrução e a avaliação das habilidades cognitivas das crianças.” (WERTSCH, 1985, p. 173), uma vez que Vygotsky entendia que o aprendiz, o instrutor ou o professor e o conteúdo interagem com o problema para o qual se procura resposta.

Para Vygotsky (1996), ZPD nada mais é que a distância entre o nível de desenvolvimento real, determinado pela capacidade de solucionar os problemas de modo independente, e o nível de desenvolvimento proximal, demarcado pela habilidade de resolver problemas com a ajuda de um parceiro mais experiente ou de um mediador (VYGOTSKY, 1996).

Posto isto, entendemos que para Vygotsky a função dos sujeitos mais experientes como os pais, os professores e colegas mais velhos, por exemplo, seria

a de favorecer a aprendizagem e conseqüente desenvolvimento do indivíduo, servindo de mediador entre esse sujeito e o mundo. Assim, de acordo com Vygotsky (1978), existem dois processos inerentes ao desenvolvimento reguladores das trocas entre os pares. Um deles, a autorregulação, é precedida por uma regulação exterior. Por isso, a aprendizagem de habilidades e de saberes ocorre em um contexto social, no interior do qual outro indivíduo mais apto guia a atividade de indivíduos menos aptos (WERTSCH, 1985).

Vygotsky (1978), ao desenvolver uma abordagem contemplativa das relações sociointeracionais do sujeito e ao propor a ZPD, forneceu aos Psicólogos e também aos outros profissionais que trabalham com educação, uma ferramenta inovadora através da qual se pudesse compreender melhor o curso interno do desenvolvimento humano, bem como possibilitou o uso desse método como instrumento de percepção dos ciclos e processos de maturação do sujeito, diferenciando aqueles já completos dos que ainda estiverem em estado de formação. Desta forma, Vygotsky permitiu que se delineasse o futuro imediato do sujeito e o seu estado dinâmico de desenvolvimento (VYGOTSKY, 1978).

Em síntese, a ZPD trouxe uma nova forma de se perceber o desenvolvimento humano. Isto porque Vygotsky acreditava que existiam prazos específicos no desenvolvimento para cada tipo de aprendizagem. Para ele, a ZPD haveria de se tornar um conceito precioso nas pesquisas do desenvolvimento, visto que a riqueza de suas implicações para o campo da linguagem, da aprendizagem e na compreensão do desenvolvimento mental do indivíduo já se confirmava e se mostrava incontestável.

Em suma, podemos assim definir o que é a ZPD: é a distância existente entre o que o sujeito consegue fazer de forma independente e o que ele consegue realizar de forma assistida ou com o auxílio de outra pessoa, que pode ser os pais, o professor ou um colega em um nível de desenvolvimento mais avançado.

2 Reflexo e Refração – arcabouços do dialogismo

É importante elucidarmos, inicialmente, que Mikhail Bakhtin foi um teórico voltado aos estudos da linguagem, não apresentando propriamente uma teoria sobre o desenvolvimento humano. Entretanto, este teórico tem sido cada vez mais convocado por áreas como a Educação e a Psicologia, por ele perceber o ser humano

na medida de suas relações. Ou seja, Bakhtin desenvolveu sua teoria afirmando que o homem é fruto do conjunto das relações sociais. Alguns estudos, inclusive, valem-se dos pressupostos bakhtinianos como um “[...] instrumento para compreender o desenvolvimento humano em contextos diversos, bem como para a própria construção de um referencial teórico-metodológico na Psicologia do Desenvolvimento.” (FREITAS, 2005, p. 308).

A obra de Bakhtin é marcada pelo conceito de dialogismo, o qual pode ser definido como o princípio constitutivo da linguagem. Isto é, para Bakhtin, o dialogismo seria a participação dialógica dos indivíduos no espaço social, revelando particularidades destes e tornando-os seres responsivos. Para ele, “[...] o dialogismo é a forma em que se delineia a consciência, como também a forma em que o sujeito aparece no espaço social, plural e nas suas vozes.” (SEVERO, 2007, p. 60).

De acordo com Faraco (2009), Bakhtin entende o diálogo numa estreita ligação com o ato de se viver, na vivência diária do ser humano em sociedade. Faraco elucida melhor esse aspecto tomando o manuscrito: *Para uma refeitura sobre o livro de Dostoiévsky*, onde Bakhtin expõe sua concepção dialógica do viver:

Viver significa tomar parte do diálogo: fazer perguntas, dar respostas, dar atenção, responder. Estar de acordo, e assim por diante. Desse diálogo, uma pessoa participa integralmente e no correr de toda sua vida: com seus olhos, lápis, mãos, alma, espírito, com seu corpo todo e com todos os seus feitos. Ela investe seu ser inteiro no discurso e esse discurso penetra no tecido dialógico da vida humana, o simpósio universal. (BAKHTIN, 1999, p. 293 *apud* FARACO, 2009, p. 76).

Dessa forma, para Bakhtin (1992), ao se comunicar, uma pessoa não está sozinha, mas ela leva consigo as ações e toda a organização social que construiu conjuntamente com os demais sujeitos. Ou seja, para ele nós somos “[...] frutos de uma organização social, e a nossa consciência somente adquire forma e existência nos signos criados por um grupo organizado no curso das relações sociais [...]” (BAKHTIN, 1992, p. 36).

O ponto central da sua *Filosofia da Linguagem* é justamente a concepção de signo. Para Mikhail Bakhtin, o signo não deriva da consciência individual e nem de uma entidade fundamental. O signo encontra seu sentido e sua origem na interação verbal, com intrínseca participação do outro. Além disso, para ele o “[...] signo nada

mais é do que a materialização da comunicação [...] [e a] palavra fenômeno ideológico por excelência [...]" (BAKHTIN, 1992, p. 36).

Portanto, podemos compreender que para Bakhtin os enunciados de um falante estão sempre entrecortados pelas palavras do outro, de modo que o discurso elaborado por um falante constitui e se constitui também no discurso do outro, assemelhando-se ao processo do ato de se olhar no espelho.

Para Bakhtin (1992), todo material significativo perpassa pelo discurso e pela verbalização. De fato, para ele, "[...] os signos são veículos ideológicos, refratados pelos usuários e refletidos nas condições prática cotidiana." (BAKHTIN, 1992, p. 42).

Acerca do conceito de refração, Bakhtin afirma que,

Toda refração ideológica do ser em processo de formação, seja qual for a natureza de seu material do significativo, é acompanhada de uma refração ideológica verbal, como fenômeno obrigatoriamente concomitante. A palavra está presente em todos os atos de interpretação. (BAKHTIN, 1992, p. 38).

Nesse contexto, para que se produza significação, é preciso ser signo, de modo que onde ocorrer signo, ocorrerá também o ideológico, pois para Bakhtin tudo o que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo. Isto é, segundo ele "[...] tudo que é ideológico é um signo e sem signos não existe ideologia [...]" (BAKHTIN, 1981, p. 32).

Portanto, tudo que é ideológico para Bakhtin, possui um valor semiótico de representação, seja o signo verbal, como a palavra, ou o signo não verbal, como a imagem. Entretanto, o signo ideológico não deve ser entendido, de acordo com o autor, "como simples reflexo da realidade, mas também um fragmento material dela", pois o signo "[...] é criado por uma função ideológica precisa e permanece inseparável dela." (BAKHTIN, 1981, p. 37).

Assim, conforme Bakhtin, "[...] para produzir significação, é preciso ser signo. Ali, onde o signo se encontra, encontra-se também o ideológico, pois o domínio do ideológico coincide com o domínio dos signos." (BAKHTIN, 1981, p. 36). Dá-se, então, que estes domínios são mutuamente correspondentes e, tudo que é ideológico, possui um valor semiótico de representação, seja o signo verbal, como a palavra, seja o signo não verbal, como a imagem.

Destarte, cada signo ideológico não é um simples reflexo da realidade, mas também um fragmento material dela. Dessa forma, cada fenômeno que funciona como signo ideológico tem uma incorporação material, seja como som, como massa física, como cor ou como qualquer outra forma de materialidade.

De acordo com esse pensamento, o signo ideológico reflete e refrata a realidade de cada esfera ideológica, podendo distorcê-la, ratificá-la ou apreendê-la de um ponto de vista específico. Assim, de acordo com Bakhtin (1981), o signo, então, é criado por uma função ideológica precisa e permanece inseparável dela.

Com efeito, os signos, para o Círculo de Bakhtin, realizam duas operações simultâneas: refletem e refratam o mundo, sendo a refração uma condição necessária do signo: não é possível significar sem refratar. Isso se dá porque as significações não estão no signo em si, pois são construídas na dinâmica da história e estão marcadas pelas diversificadas experiências dos sujeitos, com seus valores, contradições e interesses sociais. Com a dinâmica da história, cada grupo em cada época recobre o mundo com múltiplas significações e diferentes vozes sociais que participam dos processos de significações, daí resultando as inúmeras semânticas, as várias verdades, os vários pontos de vista e posições com que atribuímos sentido ao mundo (BAKHTIN, 1981).

Isto posto, entendemos que o signo ideológico bakhtiniano reflete e também refrata a realidade de determinado aspecto social, podendo não só apreender a realidade, mas também ratificá-la, pois conforme assevera o autor, “[...] o que dá dinamicidade e vida às formas de criação ideológica, também as torna meios de deformação e de refração do ser, oriundos do confronto de interesses sociais [...]” (BAKHTIN, 1981, p. 32).

Logo, postas essas conceituações, podemos compreender que Bakhtin propôs um dialogismo para explicitar as relações que o ser humano constrói externamente e internamente, uma vez que o autor deixa evidente, em seus pressupostos, que o ser humano além de dialogar com o meio social e com as pessoas a ele circundantes, dialoga também consigo mesmo, por meio da própria consciência.

Assim sendo, Bakhtin esclarece que o sujeito, ao elaborar um enunciado, terá de confrontar conteúdos e signos ideológicos divergentes, revisitar o passado, reformular memórias, projetar o futuro e construir um diálogo interno antes mesmo de adentrar na trama do diálogo externo, com o mundo. Tal processo representa o que o

autor denominou de “reflexo e refração”, metaforizando os papéis de locutor e interlocutor e inaugurando o que Bakhtin chama de “[...] relação eu-outro, que ocorre apenas por meio de signos ideológicos.” (BAKHTIN, 1997, p. 35).

Destarte, toda teoria que ignora o processo concreto de comunicação e interação verbal termina por criar conceitos metafísicos ou construir uma subjetividade anterior às trocas entre os homens, ficando seu surgimento sempre transferido para outro tempo e outro local.

3 O social, o corpo e a interação: lugar de produção de sentidos

Mikhail Bakhtin e Lev Vygotsky desenvolveram suas teorias de modo semelhante, embora se dedicassem a campos de investigação científica diferentes – Bakhtin se destacou nos estudos sobre a Filosofia da Linguagem, enquanto Vygotsky realizou estudos na área da Psicologia do Desenvolvimento.

Entretanto, diversos estudiosos elucidam a possibilidade de diálogo entre esses dois teóricos, sobretudo no que se refere aos fenômenos sociais e no que tange ao estudo da linguagem.

Bakhtin e Vygotsky partem do princípio de que a linguagem é um fator fundamental no processo de conhecimento do mundo, entendendo que a constituição dos sujeitos se dá nas interações sociais. De acordo com Ponzio (2008, p. 73) os dois autores “se opõem a reduzir a reação verbal a um fenômeno de caráter unicamente filosófico, do qual se exclui o elemento sociológico”. Ponzio (2008) esclarece que Bakhtin e Vygotsky defendem que signo e linguagem ultrapassam a concepção de meros instrumentos transmissores de significados, pois são também ferramentas de significação e de manifestação social do organismo.

Para Freitas (1995), ambos os teóricos propuseram uma dialética do objetivo e do subjetivo, mediada pelo fenômeno da linguagem. Acerca disso, Freitas pontua:

Por isso a linguagem é uma questão central em seus sistemas. Destacaram aí o valor da palavra e da interação com o outro. Consciência e pensamento são tecidos com palavras e ideias que se formam na interação, tendo o outro um papel significativo. [...] Buscaram explicar e compreender, a partir de uma perspectiva social, os fenômenos intrapsíquicos e linguísticos. (FREITAS, 1995, p. 158-159).

À vista disso, enquanto Vygotsky afirma que “[...] o pensamento se realiza na palavra constituída de significações [...] [e que] o desenvolvimento da linguagem, produzida social e historicamente, permite uma representação da realidade [...]” (VYGOTSKY, 2001, p. 49); Bakhtin, por sua vez, enfatiza que “[...] a língua não pode ser compreendida isoladamente, fora de seu contexto social” e que “o signo ideológico reflete e refrata a realidade de cada esfera social-ideológica.” (BAKHTIN, 1981, p. 37).

Em outras palavras, para Bakhtin e Vygotsky, é na raiz da experiência com o outro que se consolida o princípio da dialogia, pois tanto para a perspectiva bakhtiniana quanto para a vygotskyniana, não é o biológico que explica o desenvolvimento da linguagem, mas sim as interferências sociais e históricas.

Outro importante ponto de intersecção entre Bakhtin e Vygotsky diz respeito ao conceito de ZPD, formulado por Vygotsky, já que para compreendermos os modos como a linguagem organiza as relações dialógicas e dialéticas entre o social e o individual, no movimento dialógico e dialético da ZPD, são centrais as discussões de Bakhtin.

Destarte, ambos os autores entendem que as especificidades dos fenômenos psíquicos humanos repousam sobre a intermediação e são produzidos, reproduzidos e aplicados dentro de situações sociais concretas.

Na perspectiva bakhtiniana, “[...] a palavra pode preencher qualquer função ideológica gerada no contexto social.” (BAKHTIN, 2002, p. 35), de modo que é possível, na visão do autor, que haja uma “[...] transformação da palavra do outro em palavra pessoal, na medida em que o processo de construção de sentidos se dá coletivamente.” (BAKHTIN, 2002, p. 38).

Dessa forma, parece-nos saltar do texto a concepção de que para Bakhtin (2002), a compreensão de que a cultura contemple um infinito processo de interlocução, está imbricada num deslocamento da compreensão da problemática dos significados para o processo de interação social.

De acordo com Faraco, a concepção social da linguagem e a visão de comunicação como algo inerente às circunstâncias humanas, “[...] síntese dialógica dos contrários, marca o cenário de produção de significados e demarca a compreensão do sujeito historicamente localizado.” (FARACO, 1993, p. 197).

Partindo desses pressupostos, o sujeito bakhtiniano e também vygotskyniano é detentor dos conteúdos da sua consciência e responsável por seus pensamentos,

já que para Bakhtin e Vygotsky, individualidade é uma síntese cultural que se apresenta como superestrutura; e a atividade mental, para ambos os autores, opera como marcador do mundo social e está situada no contexto dos signos coletivamente construídos (BAKHTIN, 2002; VYGOTSKY, 2001).

Assim sendo, podemos nos questionar em que medida o sujeito individual não se deixaria contaminar pelas impressões, sentidos, vivências e significações do outro? Isto é, existe realmente uma individualidade pura? Os sujeitos não seriam apenas frutos das interações sociais? A construção dos nossos significados e, conseqüentemente, as implicações de nossa consciência particular não contaminariam o outro, e por esse outro não seriam também contaminadas?

Bakhtin (2002) e Vygotsky (1989) destacaram a coexistência dos sujeitos dentro do diálogo, enfatizando a emergência da significação como princípio para a compreensão de como a linguagem é produzida nas relações entre os homens e como a produção humana afeta os participantes nessas relações. Em outras palavras, para esses dois teóricos, o sujeito e os sentidos são construídos discursivamente nas interações com os outros sujeitos.

Além disso, o pensamento de Bakhtin e de Vygotsky coadunam também no que se refere ao elemento consciência. Para Bakhtin (2002), falar sobre consciência é falar sobre linguagem, uma vez que a consciência só pode surgir e se firmar por meio dos signos linguísticos. De acordo com ele, “[...] consciência é um fato socioideológico de determinado grupo social.” (BAKHTIN, 2002, p. 84).

Em contrapartida, Vygotsky (1978), em seu livro *Pensamento e Linguagem*, define consciência como uma função de origem social, em que os signos possuem papel imprescindível, e que funciona como reguladora do contato social com os outros indivíduos. Para ele, “[...] a palavra é unidade básica do sistema dos reflexos da consciência [...] [ou seja] dos reflexos que servem para traduzir a influência dos outros sistemas.” (VYGOTSKY, 1991, p. 12). Sobre esses aspectos, Vygotsky comenta:

O mecanismo da consciência de si próprio (autoconhecimento) e de reconhecimento dos demais é idêntico: temos consciência de nós mesmos porque a temos dos demais e pelo mesmo mecanismo, porque somos com respeito a nós o mesmo que os demais com respeito a nós. Reconhecemos-nos a nós só na medida em que somos outros para nós, isto é, pelo quanto somos capazes de perceber de novo os reflexos próprios como excitantes. (VYGOTSKI, 1991, p. 12).

Ao fazermos os questionamentos anteriores acrescentamos, aqui, o reporte teórico de outros dois filósofos modernos, os quais nos ajudarão na compreensão dessas questões.

A filosofia de Merleau-Ponty, presente na obra *Fenomenologia da Percepção*, traz importante contribuição acerca da compreensão da linguagem na interface social. Para esse autor, a fala emerge enquanto gesto de um corpo que é toda relação de sentido com o mundo, gesto de tomada de mundo na articulação do ser social. Ou seja, conforme sua filosofia, “[...] é no sentido do comportamento que as significações das palavras sempre se encontrarão.” (MERLEAU-PONTY, 1992, p. 240).

Posto isso, entendemos que para esse autor a palavra não tem significado em si mesma, pois ela tão somente explicita o sentido do pensamento, mas não possui em si esse sentido que representa. A significação é, então, constituída pelo pensamento e emprestada à palavra por ocasião da comunicação. Somando-se a esses critérios de compreensão da produção da linguagem, Merleau-Ponty vem agregar o sentido do corpo como lugar de produção de significados e afirma que:

[...] o sentido dos acontecimentos está na corporeidade e não em uma essência desencarnada, senão vejamos: Não há mais essências acima de nós, objetos positivos, oferecidos a um olho espiritual. Há, porém, uma essência sob nós, nervura comum do significante e do significado, aderência e reversibilidade de um a outro, como as coisas visíveis são as dobras secretas de nossa carne e de nosso corpo. (MERLEAU-PONTY, 1992, p. 117).

Nesta direção, Merleau-Ponty nos leva ao cerne da relação humana fruto da interação entre cultura e comportamento, situando no corpo a origem das divergências entre os significados:

Não basta que dois sujeitos conscientes tenham os mesmos órgãos e o mesmo sistema nervoso para que em ambos as mesmas emoções se representem pelos mesmos signos. O que importa é a maneira pela qual eles fazem uso do seu corpo, é a informação de seu corpo e de seu mundo na emoção. (MERLEAU-PONTY, 1999, pp. 256-257).

Temos, então, que o corpo humano também constitui do fenômeno da linguagem, uma vez que “[...] a comunicação se realiza quando há confirmação do outro por mim e de mim pelo outro.” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 252).

Assim, o corpo é portador de sentidos, de significados e de linguagem, pois põe à mostra o vínculo entre *expressão* e *exprimido*, cuja indissociabilidade está presente em todas as linguagens. Doutra forma, a palavra, em Merleau-Ponty é um gesto e uma forma de conduta.

Destarte, Merleau-Ponty compara a expressão da linguagem com a expressão da arte, notadamente, com a pintura, na qual se reconhece mais facilmente que o exprimido não existe antes da expressão (MERLEAU-PONTY, 1984). Assim, em todas estas modalidades expressivas, a intenção significada é oferecida ao sujeito no ato da comunicação, seu sentido só é traduzível nele mesmo. A fala, por sua vez, constitui a base da comunicação social, porque é o próprio saber sedimentado na linguagem.

Já para a filósofa Agnes Heller, o homem faz de si mesmo o objeto de sua consciência, de modo que sem a consciência de si não poderá haver ser humano. Segundo ela “[...] o centro da minha consciência pode estar ocupado pela própria implicação de mim, ou pelo objeto em que eu estiver implicado e o sentimento resultante desse processo pode ser figura ou fundo.” (HELLER, 1985, p. 23).

De acordo com Heller (1985), o pensamento funcionaria como fundo sempre que a relação com algo ou alguém se encontrar impedida. Assim, vê-se que para compreender a construção social da consciência, o pensar, agir e sentir devem ser apreendidos na sua integralidade ou na interface destes. Conseqüentemente, entendemos que Agnes Heller propôs um novo aspecto a ser agregado às relações sociais: o sentimento ou afetividade.

Corroborando com os postulados de Merleau-Ponty e Agnes Heller, Ana Costa (2001), em seu livro *Corpo e escrita*, assim define a imbricação corpo e linguagem:

A experiência não pode ser reduzida exclusivamente à referência a um símbolo abstrato, ou a uma imagem. Ela precisa passar pelo corpo na sua relação com o semelhante e com o real (desde que este real inclua alguma atividade, algum exercício). É somente essa natureza que produz um saber. (COSTA, 2001, p. 33).

Portanto, se há uma consciência humana, ela se define por ser social: o sujeito fruto da relação com o meio e com os seus semelhantes. Entretanto, sabemos que a ênfase ao corpo escapou aos estudos dos teóricos sócio-interacionistas. É justamente em torno das noções de intersubjetividade e interação social que debatemos os

pressupostos de Bakhtin e Vygotsky, haja vista ambos os autores não se aterem ao lugar que o corpo ocupa na produção da linguagem.

Ao proporem, no entanto, a relação com o outro e com o meio, destacando a interação social nas problemáticas em torno da linguagem, da consciência e do desenvolvimento humano, esses dois teóricos abriram caminho para proposições no que diz respeito ao corpo humano como produtor de sentidos. Afinal, a linguagem é, ela mesma, uma experiência corpórea, cuja operação desenha as faces e delinea os conceitos de consciência e cultura, fala e sentido, indivíduo e sociedade, pensamento e corpo.

Assim, se a noção de desenvolvimento está atrelada a um contínuo de evolução, em que nós caminharíamos ao longo de todo o ciclo vital, nada mais coeso que agregarmos aí o lugar do corpo como produtor de significados e da própria linguagem, posto que essa evolução, nem sempre linear, se dá em diversos campos da existência, tais como afetivo, cognitivo, social e também corpóreo-motor.

Portanto, se o desenvolvimento humano pode ser apreendido também na dimensão corpórea, de modo irrefutável, esse desenvolvimento carregará em si a marca da essência que o constitui: interação. Afinal, o ser humano é demarcado por uma origem primeira, já que só existem seres humanos porque há entre eles o conceito relacional, mediado pela linguagem.

Considerações Finais

O ser humano é entendido como um ser essencialmente social e, como tal, sempre ligado às condições sociais. Assim, o ser humano é fruto de uma mediação e marcado histórico e socialmente, não podendo jamais ser compreendido independente de suas relações e vínculos. Portanto, os processos de desenvolvimento humano são demarcados em contextos culturais socialmente regulados.

Ao analisarmos os pressupostos teóricos de Mikhail Bakhtin e Lev Vygotsky, entendemos que há uma natureza relacional demarcadora do processo de desenvolvimento humano: o ser humano é relação, constrói-se na relação com o outro e com o mundo, diferenciando-se e marcando a sua singularidade justamente no espaço relacional.

Assim, ao propormos uma análise dialógica entre a teoria de Bakhtin e Vygotsky, pudemos repensar o lugar do outro em nossa vivência, trazendo à luz do diálogo questões centrais para esses dois autores no que tange à interação humana, bem como buscamos aproximar suas ideias e expô-las a fim de elucidar a proximidade de seus constructos.

Notadamente, observamos que Bakhtin e Vygotsky têm muito mais em comum do que imaginávamos. Um aspecto que nos chamou atenção se refere ao fato de que, para ambos, a atividade humana não é internalizada em si, e sim como atividade significativa, próxima do que ocorre com o processo social e mediada semioticamente.

Enquanto Vygotsky introduz, na análise psicológica, a dimensão semiótica, onde a linguagem e os signos constituem os fenômenos psicológicos, contribuindo significativamente para o debate central na Psicologia sobre a relação com o outro e o papel do outro na constituição da subjetividade; Bakhtin, por sua vez, contribui com importantes estudos para uma concepção dialógica da linguagem e da comunicação, que englobam a formação da consciência, mediada pelos signos, descentralizando o sujeito e o reconduzindo à situação de agente ativo em interação constante e fluída: um sujeito responsivo e responsável.

Ademais, as reflexões de Vygotsky e Bakhtin permitem-nos o aprofundamento das discussões sobre o sujeito, subjetividade e interação a partir da linguagem, sendo extremamente pertinentes às questões atuais da Psicologia, da Linguística e também da Educação.

Para além disso, os estudos correlatos em Bakhtin e Vygotsky, trouxeram-nos significativos esclarecimentos sobre a definição de signos e consciência, os quais são muito semelhantes, em ambos os autores.

Vygotsky entende a consciência como objeto da Psicologia, rompendo com a separação entre cognição e afetividade. Dessa maneira, a consciência, para ele, é tratada como uma dimensão semiótica circunscrita enquanto estruturação lógica dos sistemas psicológicos, que comporta uma tensão permanente, na qual a consciência é, ao mesmo tempo, tensionada pelos produtos históricos universais e pelas singularidades dos sujeitos. Vygotsky assim a define: “[...] temos consciência de nós mesmos porque a temos dos demais e pelo mesmo mecanismo, porque somos em relação a nós mesmos o mesmo que os demais em relação a nós.” (VYGOTSKY, 1996, p.18).

Em Bakhtin, a definição de consciência ganha os mesmos contornos, já que para ele a consciência adquire forma e existência nos signos criados por um grupo organizado no curso de suas relações sociais. Bakhtin esclarece que [...] “os signos são o alimento da consciência individual, a matéria de seu desenvolvimento, e ela reflete sua lógica e suas leis [...] [isto é] a lógica da consciência é a lógica da comunicação ideológica, da interação semiótica de um grupo social.” (BAKHTIN, 1997, p. 35- 36). Para ele se nós privarmos a consciência de seu conteúdo semiótico e ideológico, não sobrá nada.

Outra considerável constatação está ligada ao modo como Bakhtin e Vygotsky trabalharam o conceito de linguagem, atribuindo-lhe um caráter demarcador de uma identidade do sujeito. Para Vygotsky, a linguagem é constitutiva e constituidora do sujeito, isto é, o sujeito é constituído pelas significações culturais e é constituinte de significações sociais. A mediação pelos signos, possibilita e sustenta a relação social, pois é o processo de significação – significado e sentido que permite a comunicação entre as pessoas. No campo compartilhado de significações, na cultura, a linguagem reflete uma determinada realidade social, resgata o desenvolvimento histórico da consciência e, além disso, possibilita a produção de novos sentidos.

Eixo central do pensamento bakhtiniano, a linguagem é expandida, assumindo também o contorno de dialogismo (relações discursivas entre homem-mundo, homem-natureza e sujeito-objeto do conhecimento) ocorre entre discursos que interagem na comunicação e, nessa interação, produzem o processo de significação. O discurso escrito é de certa maneira parte integrante de uma discussão ideológica em grande escala: ele responde a alguma coisa, refuta, confirma, antecipa as respostas e objeções potenciais, procura apoio etc. Através da linguagem, os discursos são produzidos em condições específicas (enunciação), estabelecendo formas num intercurso social (enunciados) que, além de instaurar relações entre o eu e os outros, veicula o universo ideológico.

Dessa forma, apreender os conceitos de Bakhtin e Vygotsky nos conchama a uma tomada de consciência sobre o lugar que o outro ocupa em nossas vidas. Entretanto, não se trata de um simples reconhecimento do outro, ser humano alheio, distante e simples ser existencial constitutivo do processo de desenvolvimento humano. Mas nos deixar capturar pela presença do outro que nos completa, que é um só em nós, essência única e existência una; uma voz que reverbera de nós nele e

dele em nós. Ou seja, consciência de mundo se dá imbricada na sua tomada de consciência em relação ao outro. As pessoas se completam, mas uma completude inconclusa. Considerando a historicidade de ser humano, percebemos a importância de estarmos sempre em comunhão para nos completarmos.

Notas

* Sandra Cristina Rodrigues Lopes é mestranda em Educação, Linguagem e Tecnologia pela Universidade Estadual de Goiás - UEG/PPG-IELT– Anápolis-GO. Professora da Rede Estadual de Educação de Goiás e Psicóloga de abordagem Sistêmica. E-mail: onlytwt@gmail.com

** Débora Cristina Santos e Silva é doutora em Teoria Literária (UNESP, 2002) e pós-doutora em Literatura e Hipermídia pela Universidade Fernando Pessoa (UFP-Porto, 2010), em Arte e Cultura Visual na Universidade Federal de Goiás (FAV-UFG, 2018). Atualmente, é docente do PPG Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias da Universidade Estadual de Goiás (PPG-IELT/UEG) e do curso de Letras do Campus Anápolis de Ciências Sócio-Econômicas e Humanas (CCSEH/UEG). E-mail: deboraphd@gmail.com

Referências

BAKHTIN, M. M. **Marxismo e filosofia da linguagem**: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem (M. Lahud & Y. F. Vieira, Trads.). São Paulo: Hucitec, 1999.

BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

BAKHTIN, M. M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1997.

BAKHTIN, M. M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.

BAKHTIN, M. M. **Questões de literatura e de estética**: a teoria do romance. São Paulo: Editora UNESP, 1992.

COSTA, A. **Corpo e escrita**: relações entre memória e transmissão da experiência. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001.

FARACO, C. A. **Linguagem & diálogo**: As ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola, 2009.

FARACO, C. A. Bakhtin: a aventura dialógica. In: **As aventuras do pensamento**. Curitiba: Editora da UFPR, 1993.

FARACO, C. A. Autor e autoria. In: BRAIT, Beth. **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2006.

FREITAS, M. T. de A. **Vygotsky e Bakhtin – Psicologia e educação: Um intertexto**. São Paulo: Ática, 1994.

FREITAS, M. T. de A. **Nos textos de Bakhtin e Vigotski: um encontro possível**. São Paulo: Contexto, 1995.

FREITAS, M. T. D. A. **O pensamento de Vygotsky e Bakhtin no Brasil**. Papyrus, 2005.

HELLER, A. **Teoria de los sentimientos**. Barcelona: Fontamara, 1985.

MERLEAU-PONTY, M. **A linguagem indireta e as vozes do silêncio**. In: CHAUI, M. (Org.), Merleau-Ponty (pp. 141-175). São Paulo: Abril Cultural, 1992.

MERLEAU-PONTY, M. O primado da percepção e suas consequências filosóficas. Campinas, SP: Papyrus. Merleau-Ponty, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MERLEAU-PONTY, M. Sobre a fenomenologia da linguagem (M. S. Chauí, Trad.). In M. S. Chauí (Org.), **Maurice Merleau-Ponty: textos selecionados** (pp.129-140). São Paulo: Abril Cultural, 1984.

MORRISON, S. **Educational Computing for Intellectual Maturity**. 1993.

PONZIO, A. **A revolução Bakhtiniana: o pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea**. São Paulo: Contexto, 2008.

SEVERO, C. G. Por uma aproximação entre Bakhtin e Hannah Arendt. **Revista de Ciências Humanas**, 2007, 41(1-2), 59-81.

VIGOTSKY, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

_____. **A formação social da mente**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

_____. **Pensamento e linguagem**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1978.

_____. **Psicologia pedagógica**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar. In: VIGOTSKY, Lev Semenovich; LURIA, Alexander Romanovich; LEONTIEV, Alexis N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. Tradução de Maria da Penha Villalobos. 2. ed. São Paulo: Ícone, 1989.

_____. **A formação social da mente:** o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. Tradução de José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

WERTSCH, J. **Vygotsky and the Formation of the Mind.** Cambridge, MA: Harvard University Press, 1985.

Recebido em: março de 2019.

Aprovado em: agosto de 2019.